

Saberes (des)sujeitados: uma introdução aos estudos transgênero

(De)Subjugated Knowledges: An Introduction to Transgender Studies

Susan Stryker

Tradutor: Luiza Ferreira Lima e Revisão de Maurício Rodrigues



Edição electrónica

URL: <https://journals.openedition.org/pontourbe/10778>

DOI: 10.4000/pontourbe.10778

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Refêrencia eletrónica

Susan Stryker, «Saberes (des)sujeitados: uma introdução aos estudos transgênero», *Ponto Urbe* [Online], 28 | 2021, posto online no dia 27 julho 2021, consultado o 31 julho 2021. URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/10778> ; DOI: <https://doi.org/10.4000/pontourbe.10778>

Este documento foi criado de forma automática no dia 31 julho 2021.



This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International License.

Saberes (des)sujeitados: uma introdução aos estudos transgênero

(De)Subjugated Knowledges: An Introduction to Transgender Studies

Susan Stryker

Tradução : Luiza Ferreira Lima e Revisão de Maurício Rodrigues

NOTA DO EDITOR

Versão original recebida em / Original Version 28/05/2021

Aceitação / Accepted 23/07/2021

- 1 Em 1995 eu me encontrava na fila, esperando minha vez para falar no microfone no Auditório Proshansky do Centro de Pós-Graduação da City University of New York. Estava participando de uma conferência chamada “História Lésbica e Gay”, organizada pelo Centro de Estudos Lésbicos e Gays (CLAGS). Eu havia acabado de assistir a um painel de debates sobre “gênero e o papel homossexual”, moderado por Randolph Trumbach e que tinha como palestrantes Will Roscoe, Martha Vicinus, George Chauncey, Ramon Gutierrez, Elizabeth Kennedy e Martin Manalansan. Ouvira muitas coisas interessantes sobre bichas e *berdaches* (como indígenas norte-americanes¹² *two-spirit* ainda eram chamadas), *Corn Mothers*³ e *molly-houses*⁴, amizades femininas passionais, díades *butch-femme*⁵, e a diáspora de gays do sudeste asiático, mas ainda assim estava de pé na fila para protestar. Cada uma das palestrantes era uma celebridade intelectual a seu modo, mas não eram, a meu ver, um grupo muito diverso em termos de gênero. Da minha perspectiva, com uma identidade transexual recém-reivindicada, todes elus pareciam um pouco a mesma coisa: pessoas não-transgênero. Uma nova onda de pesquisas transgênero, parte de um movimento intelectual *queer* mais amplo, já registrava alguns anos de vida naquele momento. Por que não havia palestrantes transgênero na discussão? Por que o debate inteiro sobre “diversidade de gênero” havia sido englobado por considerações sobre desejo sexual – como se o único

motivo para expressar gênero fosse sinalizar os modos de atração e disponibilidade de uma pessoa para potenciais parceiros sexuais?

- 2 Enquanto esperava na fila, tentando organizar meus pensamentos e sentimentos no que esperava soar como uma crítica articulada e eloquente da historiografia gay ao invés de uma reclamação petulante por ninguém ter *me* convidado para compor o grupo de palestrantes, um homem branco de meia-idade do lado oposto do auditório chegou no início da fila do outro microfone e começou a falar. Ele tinha uma questão muito séria que gostaria de trazer para os palestrantes, sobre uma nova tendência perturbadora que começava a observar. Transexuais, ele disse, estavam passando a se reivindicar como parte dessa nova política *queer*, algo que precisava ser impedido, obviamente, porque todo mundo sabia que transexuais eram indivíduos profundamente psicopatológicos que mutilavam os próprios corpos e acreditavam em estereótipos de gênero opressivos e defendiam opiniões políticas reacionárias, e por anos vinham tentando se infiltrar no movimento gay e lésbico para destruí-lo e esse era apenas o plano doentio mais recente para...
- 3 Era uma diatribe já familiar demais – uma linha de pensamento sobre transexualidade que naquele tempo se passava por ponto de vista progressista entre muitas da esquerda cultural. Em algum momento, envolta em uma névoa de raiva justificada, me debrucei sobre o microfone do meu lado da sala e, interrompendo, disse: “eu não sou doente.” O homem do outro lado do auditório parou de falar e olhou para mim. Eu disse: “sou transexual, e não sou doente. E não vou mais ficar ouvindo você dizer isso sobre mim, ou sobre pessoas como eu.” Nós nos encaramos por alguns segundos, de lados opostos do auditório repleto de algumas centenas de intelectuais e ativistas gays e lésbicas (e um punhado de pessoas trans), até o homem subitamente se virar e sair bufando do ambiente. E então prossegui no que ainda esperava que fosse uma crítica eloquente e articulada da historiografia gay. Acontece que o homem que eu interrompi era Jim Fouratt, um veterano das revoltas por direitos gays de 1969 no Stonewall Inn, membro fundador do *Gay Liberation Front*⁶ e figura assídua da Nova Esquerda em desaparecimento na política progressista de Nova York. Hoje eu lembro dessa troca como um dos poucos momentos icônicos da minha vida pública – uma representante de *arrivistas* transgênero encarando um representante da antiga vanguarda de liberação gay, representante esta que abandonou a pesquisa no campo de estudos *queer* em prol de uma nova interpretação da diversidade de gênero. Legal⁷.
- 4 Dez anos depois, em 2005, me vi de novo no Auditório Proshansky, para outra conferência do CLAGS. Essa tinha como tema “Política Trans, Mudança Social e Justiça”⁸. O ambiente estava ocupado por centenas de ativistas e intelectuais transgênero, e um grupo de pessoas gays, lésbicas, bissexuais e hetero não transgênero. O próprio CLAGS não era mais comandado pelo seu fundador, o eminente historiador Martin Duberman, mas pelo pesquisador de estudos jurídicos transgênero Paisley Currah. Eu estava lá para exibir “*Screaming Queens*”, meu recém-concluído documentário para a televisão pública sobre a revolta de Compton’s Cafeteria de 1966, uma revolta transgênero que ocorreu em São Francisco três anos antes de Stonewall⁹. Em vez de lutarem para meramente falar e ser ouvidas durante uma sessão plenária se encerrando, vozes transgênero se engajavam em um debate vivaz, por vezes ácido. No meio de um bate-boca acalorado entre radicais e centristas, um homem branco de meia-idade pacientemente foi galgando na fila até sua vez de falar no microfone. Era Jim Fouratt, claro. Ele reclamou que uma nova hegemonia transgênero estava

marginalizando e apagando experiências de pessoas como ele, que uma história revisionista do movimento por liberação sexual e direitos civis estava reescrevendo o passado de modo Orwelliano, e – ele sem dúvida teria continuado com uma lista mais longa de queixas similares se diverses integrantes da plateia não tivessem gritado para ele se sentar e calar a boca. Ele pausou por um momento, desistiu de seu esforço em ser ouvido, e saiu do auditório bufando. Que tristeza.

- 5 Esses dois momentos no Auditório Proshansky são, para mim pessoalmente, marcadores de uma fase no desenvolvimento do campo de estudos transgênero – fase esta que Stephen Whittle e eu tentamos documentar no *The Transgender Studies Reader*, de modo necessariamente parcial que irá inevitavelmente convidar críticas. O que começou com esforços de intelectuais e ativistas emergentes e marginalmente situados como nós para ser levados a sério em nossos próprios termos, e não ser patologizados e desprezados, ajudou a promover uma mudança radical nas investigações acadêmicas sobre gênero, sexo, sexualidade, identidade, desejo e corporalidade. Histórias de fato têm sido reescritas; relações com pesquisas feministas, gays e lésbicas produzidas anteriormente têm sido abordadas; novos modos de subjetividade generificada têm emergido, e novos discursos e linhas de investigação crítica têm sido encetados. Atenção acadêmica a questões transgênero se deslocou durante esses dez anos do campo da psicologia anormal, que imaginava fenômenos transgênero como doença mental, e do campo da crítica literária, que estava fascinado com representações de *cross-dressing* que se entendia ser algo meramente simbólico, para campos que se dedicavam a operações cotidianas do mundo material. “Transgênero” se mudou da clínica para as ruas ao longo do curso de uma década, e da representação para a realidade¹⁰.
- 6 Talvez o aspecto mais surpreendente de toda essa coisa transgênero lá nos anos 1990 foi a rapidez impressionante com que o termo em si fincou raízes, e foi aplicado a (ainda que nem sempre bem recebido por) formações socioculturais e crítico-intelectuais que foram envolvidas em ou subitamente cristalizadas por seu surgimento¹¹. Dados os conflitos que marcaram o advento de “transgênero” como termo descritivo de um campo heterogêneo de fenômenos, meramente usar a palavra é assumir uma posição polêmica e politizada. No fim, nós tomamos a saída mais fácil e pragmaticamente reconhecemos que “transgênero”, com todas as suas limitações e propósitos ocultos, era o termo de uso mais comum que melhor cabia no que estávamos tentando discutir. O que começou como um chavão no início dos anos 1990 se estabeleceu como termo de escolha, tanto na linguagem popular quanto em discursos de várias especialistas, para se referir a uma gama ampla de fenômenos que chamam atenção para o fato de que “gênero”, tal qual é vivido, corporificado, experimentado, performado e confrontado, é mais complexo e variado do que registra a ideologia binária de sexo/gênero correntemente dominante na modernidade eurocêntrica.
- 7 Estudos transgênero, como o entendemos, são o campo acadêmico que reivindica como de sua competência: transexualidade e *cross-dressing*; alguns aspectos da intersexualidade e da homossexualidade; investigações transculturais e históricas da diversidade de gênero humana; miríades de expressões subculturais específicas de “atipicalidade de gênero”; teorias de corporalidade sexuada e de desenvolvimento de identidade de gênero subjetiva; direito e políticas públicas relacionadas à regulação da expressão de gênero; e muitas outras questões similares. É um campo interdisciplinar que se vale das ciências sociais e da psicologia, de ciências físicas e da vida, das

humanidades e das artes. Preocupa-se tanto com condições materiais quanto com práticas representacionais, e com frequência dedica atenção detida à interface entre as duas. Os enquadramentos para analisar e interpretar gênero, desejo, corporalidade e identidade que agora tomam forma no campo de estudos transgênero têm implicações radicais para uma ampla gama de áreas disciplinares. Fenômenos transgênero têm se tornado o foco de campos que vão da musicologia, passando pelos estudos da religião à mídia digital; tema nas artes visuais, plásticas e cênicas; e matéria de preocupação prática em campos como saúde pública, cirurgia plástica, justiça penal, direito de família e migração.

- 8 Mais amplamente concebido, o campo de estudos transgênero se debruça sobre qualquer coisa que perturbe, desnaturalize, rearticule e visibilize associações normativas que nós geralmente presumimos existir entre a especificidade biológica do corpo humano sexualmente diferenciado, papéis e status sociais que se espera que uma forma particular de corpo ocupe, a relação subjetivamente vivida entre senso generificado de si e expectativas sociais de performance de papéis de gênero, e mecanismos culturais que trabalham para sustentar ou impedir configurações específicas de personitude generificada. O campo de estudos transgênero visa não apenas entender o conteúdo e os mecanismos de tais associações e presunções sobre sexo e gênero, biologia e cultura; ele também questiona quem “nós” somos – nós que fazemos tais presunções e forjamos tais associações – e quem “elus” são, aqueles que, ao que parece para “nós”, rompem ditas presunções e associações. O campo se pergunta por que deveria importar, ética e moralmente, que pessoas experienciem e expressem seu gênero de modos fundamentalmente diferentes. Ele se preocupa com o que nós – nós que temos um interesse passional em tais coisas – vamos fazer, politicamente, em relação às injustiças e violência que com frequência marcam a percepção de não conformidade e atipicalidade de gênero, seja em nós mesmas ou em outros.
- 9 Estudos transgênero, em sua melhor forma, são como outros campos acadêmicos interdisciplinares socialmente engajados tais quais estudos de deficiência ou teoria crítica racial, que investigam questões de diferença corporificada e analisam como tais diferenças são transformadas em hierarquias sociais – sem nunca perder de vista o fato de que “diferença” e “hierarquia” nunca são meras abstrações; são sistemas de poder que operam em corpos reais, capazes de produzir dor e prazer, saúde e doença, punição e recompensa, vida e morte. Estudos transgênero têm um interesse profundo em mostrar como qualidades aparentemente anômalas, menores, exóticas ou estranhas de fenômenos transgênero são na verdade efeitos do relacionamento construído entre esses fenômenos e conjuntos de normas que são elas mesmas culturalmente produzidas e impostas. Estudos transgênero possibilitam uma crítica das condições que fazem com que fenômenos transgênero se destaquem em primeiro lugar, e que permitem que normatividade de gênero desapareça no plano de fundo, não analisada. Em última instância, não são apenas fenômenos transgênero *per se* que nos interessam, mas sim a maneira com que esses fenômenos revelam operações de sistemas e instituições que simultaneamente produzem várias possibilidades de personitude viável e eliminam outras. Assim, o campo de estudos trans, longe de ser uma especialização inconsequentemente restrita, lidando apenas com uma população escassa de indivíduos transgênero, ou com uma coleção eclética de práticas transgênero incomuns, representa um engajamento crítico significativo e permanente com algumas das

questões mais incisivas nas humanidades contemporâneas, nas ciências sociais e na pesquisa biomédica.

Um breve histórico

- 10 A palavra “transgênero” em si, que parece ter sido cunhada nos anos 1980, assumiu o sentido atual em 1992 após aparecer no título de um panfleto pequeno mas influente escrito por Leslie Feinberg, “Liberação Transgênero: Um movimento cujo tempo chegou.”¹² O primeiro uso do termo “transgênero” é geralmente atribuído a Virginia Prince, uma ativista do sudeste da Califórnia que lutava por liberdade de expressão de gênero¹³. Prince usou o termo para se referir a indivíduos como ela cujas identidades pessoais ela considerava cair no espectro entre “*transvestite*”¹⁴ (termo cunhado em 1910 pelo Dr. Magnus Hirschfeld) e “transsexual” (um termo popularizado nos anos 1950 pelo Dr. Harry Benjamin)¹⁵. Se uma *transvestite* era alguém que episodicamente usava roupas do que se considerava “o outro sexo”, e transsexual era alguém que permanentemente mudava seus genitais visando reivindicar pertencimento a um gênero outro que não o designado ao nascer, então “transgênero” era alguém que permanentemente mudava seu gênero social através da apresentação pública de si, sem recorrer à transformação genital.
- 11 No uso feito por Feinberg, transgênero passou a significar algo inteiramente diferente – um adjetivo em vez de um substantivo. Feinberg convocou uma aliança política entre indivíduos que eram marginalizados ou oprimidos devido a sua diferença em relação a normas sociais de corporalidade generificada, e que deveriam então se unir em uma luta por justiça social, política e econômica. Transgênero, nesse sentido, era um guarda-chuva “pangênero” para uma comunidade imaginada que abarcava transexuais, *drag queens*, *butches*, hermafroditas, *cross-dressers*, mulheres masculinas, homens afeminados, *sissies*, *tomboys* e qualquer uma que desejasse ser abarcada pelo termo, que se sentisse compelido a responder ao chamado por mobilização. No período que se seguiu ao panfleto de Feinberg, um movimento de fato tomou forma sob essa rubrica; ele tem gradualmente conquistado novos direitos civis e humanos a pessoas transgênero, e tem influenciado o tom do debate público sobre questões transgênero por mais de uma década.
- 12 O chamado à luta em prol de um movimento por liberação transgênero feito por Feinberg seguiu os passos de outra publicação que foi um divisor de águas e que estabeleceu um fundamento importante aos estudos transgênero: o “manifesto pós-transsexual” de Sandy Stone, publicado em 1991¹⁶. Stone escreveu contra uma linha de pensamento da segunda onda do feminismo, comum desde o início dos anos 1970 e articulada mais veementemente pela feminista e especialista em ética Janice Raymond, que considerava ser transexualidade uma forma de falsa consciência¹⁷. Transexuais, segundo essa visão, fracassaram em analisar devidamente as fontes sociais da opressão de gênero. Em vez de trabalhar para criar equidade através da derrubada do sistema de gênero em si, elas internalizaram estereótipos masculinos e femininos ultrapassados e feriram seus corpos visando parecer com os homens e as mulheres que se consideravam ser, mas que outras não reconheciam. Segundo essa visão, transexuais eram sintomas visíveis de um sistema de gênero danificado. Ao alterar a aparência da superfície de seus corpos, tais feministas argumentavam, transexuais alienavam a si mesmas de sua própria história vivida, e se colocavam em uma inautêntica posição que representava

erradamente seus “eus verdadeiros” a outres. Stone convocou transexuais a reimaginarem criticamente a noção de autenticidade através do abandono da prática de passar por homens e mulheres não transexuais (e, assim, “reais”), da mesma forma que gays e lésbicas na geração anterior foram convocadas a sair de seus armários autoprotetores mas, no final das contas, sufocantes. Stone buscou combater o moralismo anti-transexual entranhado em certas vertentes do pensamento feminista ao convocar um novo corpo de trabalho criativo e intelectual capaz de analisar e comunicar a outres as realidades concretas de se “mudar de sexo”. Em certo nível significativo, o “transgênero” de Feinberg veio a nomear o conjunto de práticas críticas convocadas por Stone em seu manifesto “pós-transexual.”

- 13 A confluência de outros grandes eventos em 1991 conspirou para criar e fazer circular novos debates e discursos sobre questões transgênero – e para reviver alguns antigos. Naquele ano, o *Michigan Womyn’s Music Festival*, um evento apenas para mulheres com raízes profundas na comunidade lésbica feminista, expulsou uma mulher transexual operada, Nancy Jean Burkholder, alegando que ela era “na verdade” um homem¹⁸. Esse incidente se tornou um foco de conflito nos Estados Unidos e no Canadá para pessoas transgênero e suas aliadas, muitas das quais haviam se radicalizado em oposição à Guerra do Golfo e ao ataque da direita contra o financiamento público de artes nos Estados Unidos, bem como à história de mais de 10 anos de descaso das administrações Reagan e Bush com a crise de AIDS¹⁹. Uma artista provocadora e inteligente chamada Kate Bornstein estava ajustando a consciência de seu público nas duas costas dos Estados Unidos através de trabalhos confessionais que exploravam sua história pessoal sofrida com a palavra “transexual.”²⁰ Algumas des membros mais academicamente propenses de comunidades ativistas estavam lendo o livro recente de Judith Butler, “Problemas de Gênero”, e uma obra mais antiga de Michel Foucault, “História da Sexualidade Vol. 1”²¹. Uma antologia organizada por Julia Epstein e Kristina Straub publicada pela Routledge naquele ano, “*Body Guards: The Cultural Politics of Gender*”, que incluía o ensaio fundamental de Sandy Stone, oferecia um mapa preliminar do terreno que os estudos transgênero reivindicariam como seu²².
- 14 Em 1992, os primórdios tênues do campo estavam tomando forma onde as margens da academia se sobrepunham a comunidades politizadas de identidade. O grupo ativista *Transgender Nation* – cuja formação em 1992 como um grupo focal da célula de São Francisco do *Queer Nation* marca a emergência de uma política transgênero específica no seio do movimento *queer* mais amplo no início dos anos 1990 – gerou atividade acadêmica como parte de seu protesto contra a inclusão de “transtorno de identidade de gênero” no Manual Diagnóstico e Estatístico da Associação Americana de Psiquiatria²³. Novos zines como *Gender Trash*, *TransSisters*, *Rites of Passage*, e *TNT - The Transsexual News Telegraph* combinavam produção cultural comunitária e teoria crítica de gênero informada academicamente. Em Houston, a ativista jurídica Phyllis R. Frye organizou a primeira conferência profissional sobre direito transgênero e políticas de acesso ao mercado de trabalho. Apoiando-se na fundação sólida construída pelo homem transexual Lou Sullivan, historiador e ativista comunitário de carreira significativa encurtada por conta de sua morte prematura devido a enfermidades decorrentes da AIDS, Jamison Green transformou um grupo de apoio local a homens trans de São Francisco em *FTM International*, cuja newsletter se tornou um espaço fundamental para discutir miríades de formas de masculinidade expressas por corpos designados ao sexo feminino. Integrantes de tais organizações, algumas des quais eram também estudantes de pós-graduação e jovens membros de corpos docentes de universidades, começaram a

formar redes pessoais e profissionais informais durante a Marcha para Washington por Direitos Gays, Lésbicos e Bissexuais de 1993 – cuja comissão organizadora explicitamente votou por não incluir “transgênero” em seu título.

- 15 Um caldo similar estava fermentando no Reino Unido. Assim como os Estados Unidos, a Europa havia visto pouco ativismo transgênero formal entre o auge dos movimentos por liberação sexual e o início dos anos 1990. Em 1992, o grupo ativista *Press for Change* foi fundado em reação à derrota de uma solicitação feita à Corte Europeia de Direitos Humanos por Mark Rees, um homem transexual, por reconhecimento de seu direito à privacidade e ao matrimônio. Diferentemente do desenrolar político e teórico nos Estados Unidos, no entanto, que constituiu uma espécie de ruptura geracional entre comunidades estabelecidas e emergentes de pessoas gênero-diversas, a campanha do *Press for Change* incluiu como ativistas estratégicas pessoas trans que haviam trabalhado com questões trans desde meados dos anos 1970. Essas ativistas todas tinham experiência em participar de grupos de apoio locais afiliados de algum modo com o *Beaumont Society*²⁴ nacional, que por sua vez derivou do *Hose and Heels Club* de Virginia Prince, fundado em Los Angeles no início dos anos 1960. Embora esses grupos de apoio tenham usualmente suprido necessidades de *transvestites* designadas ao sexo masculino heterossexuais, havia uma história significativa no Reino Unido de grupos mistos cujo pertencimento incluía não apenas *cross-dressers*, mas também transexuais operades e várias outras que ocupavam nichos diversos dentro do sistema de gênero.
- 16 Em 1975, líderes de grupos de apoio locais frouxamente se filiaram ao grupo ativista estadunidense TAO (*Transsexual Action Organization*²⁵). TAO-UK foi um grupo de vida curta dedicado ao antissexismo, ao antirracismo e a campanhas pela paz que também especificamente buscava o direito a tratamento médico autodeterminado para pessoas transexuais. Essus primeiros ativistas se tornaram a força central de *Press for Change* em 1992, cuja vitória significativa foi a aprovação da Lei de Reconhecimento de Gênero nacional em 2004 – uma vitória sem paralelo nos Estados Unidos. Parcialmente como resultado da eficiência de *Press for Change* em influenciar o mecanismo de poder institucional, e parcialmente como resultado de sistemas de acesso a saúde profundamente distintos, o trabalho acadêmico transgênero do Reino Unido tendeu desde o início a ser mais voltado a políticas públicas, e mais focado em questões legais e médicas do que o trabalho que surgiu nos Estados Unidos, que tendeu a ser mais preocupado com políticas identitárias feministas e *queer*. As diferenças entre esses dois campos de investigação tão proximamente relacionados salienta a necessidade de atenção cuidadosa a contextos nacionais, não apenas ao tentarmos entender fenômenos transgênero em si, mas também ao tentarmos entender como fenômenos transgênero tem sido interpretados e representados²⁶.
- 17 Em 1994 a Conferência de Estudos Queer da University of Iowa propiciou o surgimento da primeira rede efetivamente internacional entre acadêmiques transgênero emergentes, e resultou na formação de uma lista de e-mails acadêmica trans ainda existente. A Primeira Conferência Internacional sobre *Cross-Dressing*, Sexo e Gênero, ocorrida em 1995 na California State University at Northridge, se tornou outro ponto de referência no desenvolvimento do campo de estudos transgênero. Pela primeira vez em uma reunião profissional, uma geração mais velha de acadêmiques especialistas que estudavam fenômenos transgênero (e eram majoritariamente não-transgênero) foi confrontada por um número significativo de especialistas de formação acadêmica que eram transgênero. Participantes transgênero protestaram raivosamente contra

políticas da conferência que es estigmatizavam, como pedir a pessoas transgênero que usassem banheiros separados dos de outros participantes, ou alocar no cronograma apresentações de intelectuais transgênero exclusivamente na “ala da comunidade”, em vez de na “ala profissional.”

- 18 A situação melhorou dramaticamente em alguns poucos anos. A difusão espantosamente rápida do termo “transgênero” parece ter ganhado caráter exponencial em torno de 1995 (alimentada em parte pela expansão simultânea e ainda mais espantosa da internet). No fim dos anos 1990 dossiês especiais de periódicos acadêmicos com avaliação por pares especificamente sobre estudos transgênero apareceram, assim como antologias de editoras acadêmicas sobre temas relacionados a transgeneridade. Até a *Harry Benjamin International Gender Dysphoria Association*, a organização profissional de velha guarda de fornecimento de serviços médicos e psicoterapêuticos a pessoas que questionavam seu gênero, capitulou e incorporou a nova nomenclatura ao renomear sua publicação como “*International Journal of Transgenderism*”. Crescentemente, cursos de estudos transgênero eram ensinados em universidades pela América do Norte e pela Europa, e pesquisas e produção cultural transgênero eram integradas a currículos de estudos de gênero e sexualidade, assim como em cursos mais gerais de disciplinas como sociologia, psicologia, antropologia e direito. Estudantes de pós-graduação começaram a escrever teses e dissertações sobre tópicos relacionados à transgeneridade – mais de 300 até essa data. O novo campo interdisciplinar ganhou atenção no *Chronicle of Higher Education* e, no Reino Unido, do suplemento do *Guardian* sobre educação superior²⁷. No fim do último século, estudos transgênero já podiam afirmar ser uma disciplina estabelecida, ainda que com suporte institucional relativamente escasso.
- 19 Esse é o corpo de trabalho intelectual que o *Transgender Studies Reader* pretende mostrar e contextualizar. Seu objetivo é fornecer uma introdução conveniente ao campo conforme se desenvolveu na última década, um sobrevoo de alguns dos primeiros trabalhos que informaram o campo de investigação, e um ponto de partida para análises mais sofisticadas na próxima geração.

Contextos mais amplos

- 20 A emergência dos estudos transgênero se deu em paralelo à ascensão dos estudos *queer*, com o qual desenvolveu uma relação próxima e por vezes tensa. Uma interpretação influente sobre o surgimento dos estudos *queer* nos Estados Unidos entre o fim dos anos 1980 e início dos anos 1990 é que a crise da AIDS levou a uma reformulação profunda da articulação entre sexualidade, identidade e esfera pública. Confrontar a caracterização homofóbica da AIDS como “doença gay” requereu uma política sexual pós-identitária que simultaneamente reconhecesse a especificidade de vários corpos e sexualidades (como homens gays) e promovesse alianças políticas estratégicas entre círculos outros, por vezes superpostos, similarmente afetados pela epidemia (inicialmente refugiados africanes na Europa, haitianos nos Estados Unidos, hemofílicos, usuáries de drogas injetáveis). Essa nova política “transviada²⁸”, baseada em uma variedade de oposições à opressão social heteronormativa em vez de um conjunto de proteções para tipos específicos de minorias vulneráveis à discriminação, radicalmente transformou o movimento por direitos homossexuais na Europa e nos Estados Unidos²⁹. O movimento *queer* abriu as portas para que pessoas transgênero fizessem a declaração premente de

que elas também se indignavam politicamente contra um regime heteronormativo opressor. Estudos transgênero inicialmente tomaram forma nessa fermentação política e intelectual.

- 21 Nem o feminismo nem os estudos *queer*, em cuja intersecção os estudos transgênero inicialmente surgiram na academia, deram conta do desafio de atribuir sentido à complexidade vivida do gênero contemporâneo no fim do século passado. A famosa questão feita pela feminista negra de 1ª geração Sojourner Truth “e não sou uma mulher?” deveria servir como lembrete poderoso de que lutar por representação no seio do termo “mulher” tem sido tão parte da tradição feminista quanto defender o valor da feminilidade e lutar por equidade social entre mulheres e homens³⁰. “Mulher” tipicamente tem sido mobilizado de modos que avançam propósitos específicos nacionais, religiosos, ideológicos, de classe e de raça de algumas feministas às custas de outras; a luta por inclusão de pessoas transgênero no feminismo não é significativamente diferente, em muitos aspectos, de outras lutas de mulheres de classe trabalhadora, mulheres racializadas, mulheres lésbicas, mulheres com deficiência, mulheres que produzem ou consomem pornografia, e mulheres que praticam sadomasoquismo consensual. Assim como nessas outras lutas, lidar com questões da transgeneridade requer que algumas feministas reexaminem, ou talvez examinem pela primeira vez, alguns dos pressupostos excludentes que incorporam aos princípios conceituais fundamentais do feminismo. Fenômenos transgênero desafiam o potencial unificador da categoria “mulher” e convocam a novas análises, estratégias e práticas, bem como ao combate à discriminação e à injustiça baseadas na desigualdade de gênero³¹.
- 22 Assim como o feminismo e o trabalho acadêmico feminista recentes, políticas *queer* e estudos *queer* permanecem apoiadas de forma significativa em um enquadramento conceitual subjacente que é problematizado pelos fenômenos transgênero. “Escolha de objeto sexual”, conceito usado para distinguir sexualidade “hetero” de “homo”, perde coerência à medida que “sexo” e “objeto” são questionados, particularmente em relação ao “gênero” do objeto. Estudos *queer*, ainda que putativamente antiheteronorma, por vezes fracassam em reconhecer que a escolha por objeto de mesmo sexo não é o único modo de dissidência de normas culturais heterossexistas, que fenômenos transgênero também podem ser antiheteronorma, ou que fenômenos transgênero constituem um eixo de diferença que não pode ser subsumido a um modelo de antiheteronormatividade fundado em escolha de objeto. Como resultado, estudos *queer* às vezes perpetuam o que pode ser chamado de “homonormatividade”, isto é, o privilegiamento de modos homossexuais de divergir de normas heterossexuais, e uma antipatia (ou pelo menos uma cegueira irrefletida) em relação a outros modos de diferença *queer*. Estudos transgênero são em muitos âmbitos mais atentos a questões de corporalidade e identidade que a questões de desejo e sexualidade, e são próximos de outros esforços em insistir na saliência de questões interseccionais, como referentes a raça, classe, geração, deficiência e nacionalidade no seio de movimentos e comunidades identitárias. Fenômenos transgênero convidam estudos *queer* e comunidades gays e lésbicas a analisar com outra perspectiva os muitos modos com que corpos, identidades e desejos podem ser entrelaçados.
- 23 Estudos transgênero surgiram no início dos anos 1990 não apenas em conjunção a certas tendências intelectuais no seio do feminismo e da teoria *queer*, mas também em reação a circunstâncias históricas mais amplas. A desintegração da União Soviética, o

fim da Guerra Fria, a ascensão dos Estados Unidos como superpotência unipolar, o desenvolvimento da União Europeia como primeiro Estado multinacional, e a elaboração de novas formas globais de capital durante esses anos precipitaram um reexame disseminado, profundamente motivado e crítico de vários binarismos conceituais. Sistemas de sexo/gênero, como muitos outros construtos culturais, foram deformados e reformados em paralelo a novas circunstâncias materiais³². O filme e produção teatral popular *Hedwig and the Angry Inch* – a história de um rapaz da Alemanha Oriental que passa por uma cirurgia (mal feita) de conversão genital para se tornar a esposa de um soldado americano e depois se arrepende da decisão – explora precisamente esse deslocamento de possibilidades de corporalidade generificada no pós-Guerra Fria³³.

- 24 Se um enquadramento tão totalizante quanto “Ocidente/Oriente” perdeu pelo menos momentaneamente seu rendimento explicativo em um mundo caótico pré-11 de setembro que parecia crescentemente estruturado por movimentos diaspóricos e fluxos transnacionais, qual é a probabilidade de uma construção igualmente hegemônica como “mulher/homem” permanecer intocada? Estudos transgênero surgiram nas brechas desse binário rompido para reconceitualizar gênero para a Nova Ordem Mundial. O novo campo abordava gênero não como um sistema de correlação entre dois sexos biológicos supostamente naturais, estáveis e incomensuráveis (masculino e feminino) e duas categorias sociais normativas, fixas e igualmente incomensuráveis (homem e mulher). Em vez disso, ele questionou esse enquadramento epistemológico em sua inteireza, e concebeu gênero como outro sistema global dentro do qual inúmeras formas diversas e específicas de ser humano eram produzidas, enredadas e modificadas conforme múltiplos eixos de significação. Em um mundo aparentemente dedicado em se tornar uno, estudos transgênero lutam pela possibilidade de contar além do número dois, ao enumerar formas significativas de personitude generificada.
- 25 Além do mais, durante a década de 1990, o evento iminente de calendário que foi a chegada do ano 2000 ajudou a vincular a atenção crítica ao colapso de binarismos familiares a uma noção de mudança de época e à sensação de advento de uma nova era histórica. Durante o *fin-de-siècle* mais recente, fenômenos transgênero foram amplamente considerados tendências (para o bem e para o mal) de uma condição “pós-moderna” em surgimento. Rita Felski sugere que o aumento na atenção a questões transgênero no encerramento do século passado foi expressão de uma “tensão pré-milênio”; ela argumenta que fins de séculos servem como momentos culturais privilegiados nos quais se articulam mitos de morte e renascimento, declínio e renovação, e defende que em nossa época histórica essas preocupações têm sido evidentes ao longo de representações em proliferação de corpos transgênero³⁴. “Transgênero” se tornou um construto sobredeterminado, como “ciborgue”, através do qual a cultura contemporânea imaginou um futuro cheio de novas possibilidades para se ser humano, ou se tornar pós-humano³⁵. “Estudos transgênero” surgiu nessa conjuntura histórica como uma prática para se pensar coletivamente nosso caminho em direção ao admirável mundo novo do século XXI, com todas as suas ameaças e promessas de transformação inimaginável através de novas formas de tecnologias biomédicas e comunicacionais.

Pós-modernidade

- 26 Fenômenos transgênero podem ser “pós-modernos” à medida que são apontados como sinalizadores de um ponto além da modernidade contemporânea, mas a teoria crítica transgênero é tecnicamente pós-moderna em um uso muito restrito do termo – ela mira na epistemologia modernista que trata gênero como mera representação social, linguística ou subjetiva de um sexo material objetivamente cognoscível. Preocupações epistemológicas estão no cerne da crítica transgênero e motivam grande parte da luta transgênero por justiça social. Fenômenos transgênero, em síntese, apontam para um entendimento diferente de como corpos significam, como representação funciona, e o que conta como conhecimento legítimo. Essas questões filosóficas têm consequências materiais na qualidade de vidas transgênero.
- 27 No paradigma epistêmico moderno organizado em base e superestrutura, sexo é considerado a âncora referencial estável que sustenta, e é tornada conhecida, por signos de gênero que o refletem. Isso é uma instância específica do que o crítico cultural Frederic Jameson chamou de “teoria especular de conhecimento”, na qual representação consiste na reprodução subjetiva de uma objetividade que se presume estar situada externamente³⁶. A afirmação epistemológica de que o mundo material é refletido no espelho da representação é moderna, em um senso histórico, por ter ganhado força ao longo da ascensão do materialismo científico em sociedades originadas na Europa Ocidental desde o fim do século XV. “Matéria” é o que basicamente importa nessa visão de mundo europeia moderna; é o que reside na raiz do conhecimento, e é fonte fundamental do sentido (re)investido nele através de práticas derivadas e secundárias de cognição e percepção humana.
- 28 Nessa visão aparentemente de senso comum, a materialidade do sexo anatômico é representada socialmente por um papel de gênero, e subjetivamente como uma identidade de gênero; uma pessoa do sexo masculino é socialmente um homem que subjetivamente se identifica como tal; uma mulher é similar e circularmente uma pessoa do sexo feminino que se considera como tal. A relação entre sexo corporal, papel de gênero e identidade de gênero subjetiva é imaginada como estrita e mecanicamente mimética – uma coisa real e seus reflexos. Gênero é simplesmente como chamamos sexo corporal quando o vemos pelo espelho da representação – sem dúvidas, sem questionamentos³⁷. Fenômenos transgênero põem em xeque tanto a estabilidade do referente material “sexo” quanto a relação dessa categoria instável com categorias linguísticas, sociais e psíquicas de “gênero”. Como corpos ambíguos de pessoas intersexo demonstram do modo mais palpável que se possa imaginar, “sexo”, qualquer sexo, é uma categoria “que não é uma”. Em vez disso, o que tipicamente chamamos de sexo do corpo, que imaginamos ser uma qualidade uniforme que caracteriza univocamente o corpo de todo e qualquer indivíduo, é consistido de partes numerosas – sexo cromossômico, sexo anatômico, sexo reprodutivo, sexo morfológico – que podem formar e formam uma variedade de agregações corporais viáveis em variedade superior a dois. A “integridade” do corpo e a “mesmidade” de seu sexo são em si reveladas como construtos sociais³⁸.
- 29 Similarmente, identidades subjetivas contrárias de transexuais, as práticas de vestimenta de *transvestites*, e a inversão de gênero de *butches* e *queens* confundem noções simplistas de determinismo material e práticas representacionais de feitiço especular, no que toca a questões de gênero. Sexo, assim, não é o suporte fundador de

gênero do mesmo modo que uma maçã não é o suporte fundador do reflexo de fruta vermelha no espelho; “sexo” é uma mistura, uma história que combinamos sobre como o corpo significa, quais partes mais importam e como elas são registradas em nossa consciência ou campo de visão. “Sexo” é construído propositadamente de modo a servir como suporte fundador, e ocupa um espaço cavado para ele por um projeto de construção epistemológica³⁹.

- 30 Representação especular codifica um drama moral. Pode ser verdadeira ou falsa, precisa ou cheia de erros. Uma representação deliberadamente errônea do relacionamento entre gênero como representação e sexo como referente é repleta de efeitos – às vezes efeitos ostensivamente cômicos, como é o caso de inúmeras farsas de *cross-dressing* que povoam a cultura popular, e às vezes efeitos muito mais trágicos. Pessoas transgênero que problematizam a correlação presumida entre um sexo biológico específico e um gênero social específico são com frequência consideradas responsáveis por fazer representações falsas de uma verdade material subjacente, através da distorção intencional da aparência superficial. Sua apresentação de gênero é vista como uma mentira em vez de expressão de uma verdade profunda, essencial; elas são “más” por definição⁴⁰.
- 31 Pessoas atipicamente genericadas por vezes pagam com a vida pelo suposto pecado epistemológico de perpetrar falsidades que enganam outros inocentes que não suspeitam de nada. Hillary Swank ganhou o Oscar em 1999 por interpretar Brandon, um jovem transgênero assassinado cuja história, contada no drama baseado em fatos reais “Meninos não choram”, se tornou emblema de uma tendência crônica em nossa sociedade: a violência anti-transgênero mortal⁴¹. Es que cometem violência contra pessoas transgênero rotineiramente buscam uma desculpa para seu próprio comportamento ao alegarem que foram injustamente enganados pela discrepância entre o gênero e as genitais da vítima⁴². Estado e sociedade cometem violência similar contra pessoas transgênero ao usar o status genital, em vez do gênero público ou da identidade de gênero subjetiva, como critério fundamental de determinação para alocar sujeitos em prisões, programas de reabilitação de dependência química, centros de crise a vítimas de estupro, abrigos. Uma tarefa importante dos estudos transgênero é articular e disseminar novos enquadramentos epistemológicos e novas práticas representacionais, nes quais variações da relação entre sexo e gênero possam ser entendidas como moralmente neutras e representacionalmente verdadeiras, e através des quais violências anti-transgênero possam ser vinculadas a outras formas de violência como pobreza e racismo. Esse trabalho intelectual é intimamente conectado a e profundamente motivado por esforços sociopolíticos de deter a maré de violência anti-transgênero e salvar vidas transgênero.

Performatividade

- 32 O modelo de “performatividade” linguística, cuja aplicabilidade geral ao campo do gênero tem sido popularizada mais notavelmente pelo trabalho de Judith Butler, tem sido tremendamente influente nos estudos transgênero precisamente porque oferece um enquadramento epistemológico não referencial ou pós referencial que pode ser útil para promover projetos voltados a justiça social transgênero⁴³. A noção de performatividade, que deriva da teoria de atos de fala e tem uma dívida intelectual com o trabalho filosófico/linguístico de J.L. Austin em “Quando dizer é fazer”, às vezes é

confundida com a noção de performance, mas se trata de coisa inteiramente diferente⁴⁴. Butler em particular, especialmente em seus trabalhos mais antigos como “Problemas de gênero” e “Corpos que importam”, tem sido acusada por certa produção intelectual transgênero e por discursos da comunidade de sugerir que gênero é “mera” performance, nos moldes do *drag*, e portanto de algum modo não “real”⁴⁵. Ela é criticada, meio insensatamente, por supostamente acreditar que gênero pode ser mudado ou reescrito à vontade, colocado e tirado como uma fantasia, de acordo com o desejo ou o capricho de uma pessoa. Em jogo nesses engajamentos críticos está o entendimento de si de muitas pessoas transgênero, que consideram que seu senso de si generificado não está sujeito a vontade instrumental, não é alienável, não é uma forma de atuação cênica. Mais propriamente veem seu senso de si generificado como ontologicamente inescapável e inalienável – sugerir outra coisa, para elus, é arriscar um falso reconhecimento grave de sua personitude, de seu modo de existência específico.

- 33 A teoria dos atos de fala defende que a linguagem não é *apenas* um sistema abstrato de diferenças negativas, como estruturalistas sustentam; mais precisamente, linguagem é sempre o resultado de atos de fala particulares, cuja intenção é comunicacional. A fala é social. Ela necessariamente envolve falantes e ouvintes específicos, e não pode ser nunca divorciada de contextos extralinguísticos. O performativo é um tipo de ato de fala. Em contraste com um ato de fala constatativo – aquele que envolve a transmissão de informação sobre uma condição ou estado de coisas, informação esta comprovadamente qualificável em termos de verdadeiro ou falso (p.e.: “a maçã é vermelha”) –, o performativo não constata nada. É uma forma de enunciação que não descreve ou relata, e portanto não pode ser verdadeira ou falsa. Ela é execução de uma ação em si, ou é parte dela. Exemplos de ato performativo incluem votos (“eu aceito”) e proclamações de casamento (“eu agora es declaro marido e mulher”), bem como enunciações formais de um bar mitzvah (“Hoje eu sou um homem”). Dizer que gênero é um ato performativo é dizer que ele não precisa de um referente material para ser significativo; ele é direcionado a outros em uma tentativa de comunicar, não é sujeito a falsificação e verificação e é conquistado através do “fazer” algo, e não “ser” algo. Uma mulher, performativamente falando, é alguém que diz que é uma mulher – e que então faz o que “mulher” significa fazer. O corpo biologicamente sexuado não garante nada; está necessariamente presente, é uma base para o ato de falar, mas não tem nenhuma relação determinista com o gênero performativo.
- 34 Conceitualizar gênero como ato performativo levanta questionamentos mais amplos no que tange a conflitos sociais e políticos. Para Jean-François Lyotard, em seu “A condição pós-moderna”, todos os atos de comunicação são inscritos no campo do agonístico (do grego *agon*, “disputar”). Uma disputa pode ser um jogo, ou pode ser um combate, mas necessariamente envolve tomar posições em relação a outra pessoa, bem como envolve algum tipo de troca, e regras de engajamento. Atos de fala, nesse modelo, são as menores unidades agonísticas, e tomam lugar em diferente tipos de “jogos de linguagem”, cada um com suas próprias regras de enunciação, cada um tão diferente do outro como um jogo de pôquer é diferente de um jogo de xadrez⁴⁶. O modelo de “jogo de linguagem”, como o modelo do ato de fala performativo, é útil para entender de modo formal o que estava em jogo na emergência dos estudos transgênero nos anos 1990.
- 35 Cada jogo de linguagem tem participantes específicos, ou “lugares” – por exemplo, emissor, receptor, e referente – que são assignados a cada uma conforme o tipo de

ato de fala que se realiza. O ato de fala constativo “a maçã é vermelha”, por exemplo, é enunciado por uma emissora que ocupa a posição de sabedore de tal informação; e receptore recebe a enunciação e está na posição de conceder ou negar concordância com a enunciação. Referente – aquilo sobre o qual a enunciação trata (nesse caso, a maçã) – não está, nesse jogo, na posição de fazer declarações sobre si. Uma enunciação performativa é jogo organizado por um conjunto diferente de regras. “Não é sujeita a discussão ou verificação pela parte de receptore, que é imediatamente alocada no novo contexto criado pela enunciação”⁴⁷. Dado, obviamente que a emissora é autorizada, conforme uma variedade de circunstâncias extralinguísticas, a ocupar a posição de enunciadore performative. O “eu aceito” do casamento não tem força performativa a não ser que a pessoa certa a entoe a uma outra pessoa apropriada. Quem pode dizer “eu aceito” e a quem é algo completamente determinado por forças sociais e políticas (e como tais, é algo sujeito a mudança ao longo do tempo).

- 36 A emergência dos estudos transgênero nos anos 1990 foi um desses momentos de mudança, quando o ativismo sociopolítico, conjugado a transformações de condições materiais mais amplas e aparentemente não relacionadas, atuaram conjuntamente e vieram a criar a possibilidade de novas enunciações performativas, coisas inéditas a se dizer, jogos de linguagem inesperados, uma enxurrada heteroglóssica de posições de gênero a partir das quais falar. Anteriormente, pessoas que ocupavam posições transgênero eram compelidas a ser referentes nos jogos de linguagem de outras pessoas emissoras e receptoras – eram objeto de conhecimento médico entregue a funcionáries de hospício, eram tema de relatórios policiais apresentados a magistrades, eram proscrites de discursos por liberação feminista e gay cujes falantes clamavam pelo afeto do Estado liberal. E psicoterapeuta cochichava sobre elus nos ouvidos de cirurgiãe, enquanto a advogade acenava em concordância. Apenas raramente nós falávamos a outres em nosso próprio nome – nas páginas de autobiografias infrequentemente publicadas, ou a partir das sombras dos shows de horrores. Não se trata de sugerir que pessoas transgênero não conduziam diálogos animados entre si; na verdade, há um vasto corpo de trabalho transgênero crítico e cultural de base comunitária que é escassamente visível à sociedade mais ampla. Trata-se mais de reconhecer que poucas pessoas além das próprias pessoas transgênero e sues porta-vozes autonomeades participaram dessas conversas marginalizadas.
- 37 Então algo aconteceu no início dos anos 1990, embora seja difícil dizer exatamente o que esse “algo” foi. Causalidade é sempre um conceito carregado. Um calendário foi iniciado; uma ordem mundial colapsou; um vírus pandêmico mudou o modo como pensamos sobre sexualidade, identidade e esfera pública; uma palavra existente foi investida de novo sentido para mobilizar um movimento, e tudo isso colidiu gerando um cenário cultural fraturado por uma fissura epistêmica. Em meio aos destroços, pessoas transgênero aproveitaram o momento para produzir conhecimento sobre fenômenos transgênero de uma maneira pós-moderna. Nós lutamos pelas nossas posições de emissora, clamamos nossas vozes à força, dissemos quem éramos, irrompemos no discurso. Estudos transgênero é um registro da conversa que se seguiu.

Saberes (des)ujeitados

- 38 Uma distinção terminológica útil pode ser feita entre “estudo dos fenômenos transgênero” e “estudos transgênero”, de modo a capturar nitidamente a ruptura entre

contextos epistêmicos modernos e pós-modernos para entender os fenômenos transgênero, os tipos diferentes de jogos de linguagem que pertencem a cada contexto e as práticas críticas diferentes que caracterizam cada projeto⁴⁸. O “estudo de fenômenos transgênero” é um projeto de longa data e ainda em curso em culturas de origem europeia. Estudos transgênero, por outro lado, é um projeto crítico relativamente novo que tem tomado forma na última década, mais ou menos. Está intimamente relacionado com emergentes “condições pós-modernas” de produção de conhecimento e é inovador tanto metodológica quanto epistemologicamente.

- 39 Estudos transgênero consideram a experiência corporificada do sujeito enunciador, que reivindica conhecimento constataivo sobre o tópico em referência como componente apropriado – na verdade, essencial – à análise de fenômenos transgênero; conhecimento experiencial é tão legítimo quanto outras formas de conhecimento supostamente mais “objetivas”, e é necessário para entender a dinâmica política da situação sendo analisada. Isso não é o mesmo que alegar que conhecimento subjetivo sobre “ser transgênero” é de algum modo mais válido que o conhecimento de fenômenos transgênero ganho de uma posição de exterioridade, mas sim uma afirmação de que nenhuma voz no diálogo deveria ter o privilégio de mascarar as particularidades e especificidades de seu lugar de fala, através do qual alega universalidade ou autoridade.
- 40 A atenção crítica a questões de corporalidade e posicionalidade alinha os estudos transgênero com um corpo crescente de pesquisa acadêmica interdisciplinar nas humanidades e nas ciências sociais. Estudos transgênero ajudam a demonstrar a extensão com que *soma*, o corpo como construto culturalmente inteligível, e *techne*, as técnicas em que e através das quais corpos são transformados e posicionados, estão de fato interpenetradas inextricavelmente. Isso ajuda a reparar uma comum falha crítica em reconhecer “o corpo” não como um objeto de conhecimento (já constituído) entre outros, mas sim como base contingente para todo nosso conhecimento, para todo nosso saber. Ao confrontar como intelectuais com frequência fracassam em apreciar os modos com que conhecimentos e práticas contingentes impactam a formação e transformação de corpos de outres, estudos transgênero proporcionam uma contribuição valiosa em direção à análise e interpretação da situação única que é a consciência humana corporificada⁴⁹.
- 41 Metodologicamente, estudos transgênero exemplificam o que Michel Foucault uma vez chamou de “insurreição de saberes sujeitados”. Por “saberes sujeitados”, Foucault entendia dois tipos diferentes de saber. Primeiro, “os conteúdos históricos que foram sepultados, mascarados em coerências funcionais ou em sistematizações formais”. Ele elaborou:

Concretamente, se preferirem, não foi certamente uma semiologia da vida em hospício, não foi tampouco uma sociologia da delinquência, mas sim o aparecimento de conteúdos históricos o que permitiu fazer, tanto do hospício como da prisão, a crítica efetiva. E pura e simplesmente porque apenas os conteúdos históricos podem permitir descobrir a clivagem dos enfrentamentos e das lutas que as ordenações funcionais ou as organizações sistemáticas tiveram como objetivo, justamente, mascarar. Portanto, os “saberes sujeitados” são blocos de saberes históricos que estavam presentes e disfarçados no interior dos conjuntos funcionais e sistemáticos, e que a crítica pôde fazer reaparecer pelos meios, é claro, da erudição⁵⁰.

- 42 Estudos transgênero se valem desse tipo de conteúdo histórico – materiais descritivos soterrados por etnografias de sistemas de gênero não-europeus, transcrições de procedimentos jurídicos escondidas em publicações obscuras de jurisprudência, arquivos de pacientes psiquiátricos – que precisa ser escavado dos arquivos com as ferramentas tradicionais de investigação, e recontextualizado no seio de debates acadêmicos recentes. Resgatar esse tipo de conhecimento, e saber onde procurá-lo em primeiro lugar, requer, nas palavras de Foucault, “expertise meticulosa, exata, técnica.” É a habilidade técnica de seus praticantes de fazer uso de ferramentas acadêmicas e ser fluente em discurso acadêmico que faz dos “estudos transgênero” parte da academia, e não apenas parte da “comunidade transgênero” – ainda que a relação do campo com tal comunidade seja crucial a sua vitalidade intelectual.
- 43 O outro tipo de saber “sujeitado” de Foucault, que se refere a políticas de envolvimento da comunidade, também é central à metodologia dos estudos transgênero. O que Foucault descreve como “toda uma série de saberes que estavam desqualificados como saberes não conceituais, como saberes insuficientemente elaborados: saberes ingênuos, saberes hierarquicamente inferiores, saberes abaixo do nível do conhecimento ou da cientificidade requeridos” é precisamente o tipo de saber que pessoas transgênero, com treinamento acadêmico ou não, têm sobre sua experiência corporificada, e sobre suas relações com discursos e instituições que agem sobre e através delas. Tal saber pode ser articulado a partir da experiência direta, ou pode ser testemunhado e representado por outros de modo ético. Em todo caso, Foucault argumenta, o reaparecimento “desses saberes de baixo, saber particular, um saber local”, como o saber psiquiatrizado ou marginal, que têm sido “deixados em repouso, quando não foram efetiva e explicitamente mantidos sob tutela”, é absolutamente essencial à investigação crítica contemporânea.
- 44 Embora possa parecer paradoxal em um primeiro momento congregar em um mesmo termo duas formas de conhecimento supostamente díspares – “os saberes sepultados da erudição e os saberes desqualificados pela hierarquia dos conhecimentos e das ciências” – é precisamente esse pareamento genealógico que, para Foucault, dá à crítica discursiva seu vigor essencial. Tanto o conhecimento erudito quanto o saber deslegitimado recapturam, para uso presente, um conhecimento histórico de estruturas de poder particulares. Um oferece “redescoberta exata das lutas”, enquanto o outro preserva “a memória bruta dos combates”⁵¹. Estudos transgênero, através da dessujeição de formas de conhecimento previamente marginalizadas sobre subjetividade generificada e corporalidade sexuada, prometem tal intervenção crítica radical.

Renarração

- 45 O vasto projeto de pesquisa histórico-filosófico de Foucault ajuda a sustentar a afirmação de que atentar ao que hoje chamaríamos de fenômenos transgênero tem sido uma preocupação da cultura ocidental desde a antiguidade greco-romana. A regulação da homossexualidade, do hermafroditismo, da inversão de gênero, e outras formas de “monstruosidade social” tem figurado proeminentemente no desenvolvimento de “regimes de normalização” cujos descendentes dos últimos dias no período moderno têm se mantido decididamente ativos e robustos⁵². Estudos transgênero renarram essa herança intelectual considerável. Chamam a atenção a “efeitos transgênero”, esses

momentos desconstrutivos em que primeiro plano e plano de fundo parecem se inverter, e o espetáculo de fenômenos de gênero inesperados ilumina a produção da normatividade de gênero de um jeito surpreendentemente novo. Ao fazê-lo, o campo começa a contar novas histórias sobre coisas que muitos de nós achávamos que já conhecíamos.

- 46 Desde pelo menos o século XIX na Europa e nos Estados Unidos, fenômenos transgênero têm provocado a ordem social de modos que incitaram ao desenvolvimento da sexologia, da psiquiatria, da endocrinologia e outros campos médico-científicos envolvidos em práticas sociais regulatórias. A bibliografia clínica especificamente referente a fenômenos transgênero chega a milhares de publicações e continua a crescer ainda hoje, mas pode ser traçada através do passado a figuras como Richard von Krafft-Ebbing, o grande taxonomista vitoriano do desvio social. Como registros iniciais dessa bibliografia podemos citar Karl von Westphal, que escreveu sobre “sentimentos sexuais contrários”, assim como “o ímpeto por transformação sexual” de Max Marcuse, “intermediários sexuais” de Magnus Hirschfeld e os “eonistas” de Havelock Ellis. Ao chegar em Freud, em quem o seguia e em quem o detratava no início do século XX, estamos em terreno familiar com conceitos contemporâneos da psicologia e da psiquiatria⁵³. Pela segunda metade do século passado, uma literatura médica especializada em “disforia de gênero” se cristalizou em torno do trabalho de Harry Benjamin e seus colegas Robert Stoller, Richard Green e John Money, o que culminou em 1980 na legitimação de uma entidade clínica recém-definida, “transtorno de identidade de gênero”, como psicopatologia oficial reconhecida pela Associação Americana de Psiquiatria⁵⁴. Estudos transgênero está agora na posição de tratar esse imenso corpo de trabalho clínico como seu arquivo.
- 47 Paralelamente ao arquivo clínico há uma etnografia imensa, de séculos, igualmente pronta para pesquisa empírica, que documenta perspectivas europeias sobre culturas encontradas por todo o mundo através de exploração, comércio, conquista e colonização. Essa literatura, junto com sua explicação no seio de disciplinas de ciências sociais, demonstra o fascínio europeu perpétuo – e mais do que um pouco de desconforto eurocêntrico – com os muitos modos com que relações entre sexo corporal, identidade de gênero subjetiva, papéis sociais de gênero, comportamento sexual e parentesco têm sido configuradas em diferentes tempos e sociedades⁵⁵. Es misterioses *mujerados* e *morphodites* que povoam os primeiros relatos da exploração europeia de continentes americanos não são integrantes de “terceiros gêneros” que simplesmente (ou talvez até efetivamente) sumiram ou foram suprimidos, erradicados por práticas genocidas europeias; são, de modo tão importante quanto, categorias de personitude desviante construídas por um imaginário europeu, investidas com poder mágico de condensar e conter, e assim limitar, o fracasso sistêmico europeu em apreender uma alteridade cultural radical em sua totalidade⁵⁶. Por mais de meio milênio, a cultura eurocêntrica tem se presenteado com uma parada de exotismos de gênero, obtidos de culturas nativas ao redor do mundo: *hijras* da Índia, *mahus* da Polinésia, *kathoey* da Tailândia, *travestis* do Brasil, *xanith* árabes, *berdaches* nativos dos Estados Unidos – e assim por diante. “Transgêneros”, aqui e no exterior, são os últimos espécimes adicionados à coleção.
- 48 A fusão de muitos tipos de variância de gênero sob o único termo “transgênero”, particularmente quando esse colapso em um único tipo de personitude cruza as fronteiras que dividem o ocidente do resto do mundo, traz consigo tanto promessa

quanto perigo. É muito fácil assimilar configurações não-ocidentais de personitude em construtos ocidentais de sexualidade e gênero, de um modo que recapitula estruturas de poder do colonialismo. “Transgênero”, sem sombra de dúvidas, é uma categoria que se origina no primeiro mundo e tem sido atualmente exportada para consumo do terceiro mundo. Recentemente, contudo, envolvimento entre uma “teoria transgênero” que circula globalmente com privilégio eurocêntrico e várias comunidades não-europeias, colonizadas e diaspóricas cujas integrantes configuram gênero de modos que são marginalizados em contextos eurocêntricos têm começado a produzir tipos de análise inteiramente novos. Tais encontros marcam as fronteiras geoespaciais, discursivas e culturais dos estudos transgênero, conforme o campo tem se desenvolvido na América anglófona e na Europa, mas também apontam em direção a seu potencial inexplorado⁵⁷.

- 49 Ao desenvolver nossos critérios para inclusão nessa antologia, Stephen Whittle e eu decidimos destacar alguns dos importantes trabalhos iniciais em sexologia e feminismo, e então focar em trabalhos em inglês que explicitamente se engajam com o termo “transgênero” (positiva ou negativamente). Oferecemos textos-chave acerca de debates sobre “gênero *queer*”, trabalhos que destacam a atenção recente à masculinidade em corpos designados ao sexo feminino, trabalhos que exploram a formação de um senso de si, bem como as “guerras de fronteiras” de políticas identitárias de gênero, e trabalhos que exploram ética, moralidade e corporalidade. Resistimos em tentar realizar um apanhado global de práticas e identidades gênero-diversas de tipo “volta ao mundo em 80 gêneros”. Isso se deu em parte porque sentimos que não poderíamos fazer jus ao escopo global de fenômenos transgênero, e em parte porque um grande número de antologias realizando precisamente isso já existe⁵⁸. Uma consequência infeliz de nossa decisão foi a exclusão de muitos trabalhos importantes feitos com um foco regional, como os estudos de Don Kulick e Annick Prieur sobre diversidade de gênero em pessoas designadas ao sexo masculino na Cidade do México e no Brasil, o trabalho interdisciplinar intensamente poético de Mauro Cabral na Argentina, e um bom punhado de trabalhos sobre gêneros no Sudeste Asiático⁵⁹. Nós nos concentramos em trabalhos que exploram como “transgênero” tem circulado globalmente, e como raça, classe e região têm complicado a disseminação desse termo.
- 50 Mesmo diante de tais escolhas editoriais, que reconhecidamente limitaram a abrangência da diversidade étnica e cultural do trabalho incluído nessa antologia, nós ficamos chocados com a brancura esmagadora des que atuam no campo acadêmico dos estudos transgênero. Isso se dá, sem dúvida, devido às muitas formas de discriminação que impedem pessoas racializadas de trabalhar no ambiente relativamente privilegiado da academia, mas também devido à distribuição e recepção desiguais do termo “transgênero” em diferentes comunidades raciais, étnicas, linguísticas e socioeconômicas. Sentimos, porém, que o enquadramento analítico para entender diversidade de gênero que surgiu dos estudos transgênero – valioso como é – fica empobrecido pela relativa escassez de contribuições de pessoas racializadas, e é, portanto, em última instância inadequado para representar a interação complexa entre raça, etnicidade e fenômenos transgênero. Essa discussão é uma que esperamos ver desenvolvida mais produtiva e extensamente nos anos seguintes.
- 51 Em conclusão, simplesmente notamos que fenômenos transgênero assombram o projeto inteiro da cultura europeia. Eles estão simultaneamente em todo lugar e alhures. Seus estados múltiplos e contraditórios de visibilidade e apagamento, de

presença e ausência, estão intimamente relacionados a operações de poder social que criam normas, incutem consequências à diferença e engendram espaço para uma cultura dominante. Estudos transgênero mais atentos a diferenças de raça, região e classe, bem como a diferenças de gênero, forneceriam uma abordagem mais sofisticada sobre a fazedura desse mundo que todos habitamos, e permitiria uma releitura crítica poderosa da (pós)modernidade contemporânea em toda sua complexidade.

NOTAS

1. N.T.: Ao longo do texto, seguindo a própria proposta da autora de pensar transgeneridade a partir de uma perspectiva não binária, usarei linguagem não-binária também.
2. N.T.: Nos Estados Unidos, a expressão abrangente usada é “*Native Americans*”. Decidi por traduzi-la como “indígenas norte-americanes” como forma de distingui-les de outros povos indígenas do continente americano, como por exemplo os de terras baixas e altas da América do Sul.
3. N.T.: *Corn Mother* é uma figura feminina que pertence à cosmologia de diversos povos originários da América do Norte. Nas muitas variações de mitos envolvendo-a, em comum se nota o fato de ela ser associada à origem do milho e eventualmente rejeitada pela comunidade pelo modo como o produz. A *Corn Mother* é considerada, em certas comunidades como a Cherokee, parte de narrativas explicativas sobre pessoas *two-spirit*.
4. . N.T.: *Molly Houses* eram lugares, usualmente bares, tavernas, cafeterias ou residências privadas em bairros marginalizados de Londres ao longo dos séculos XVIII e XIX em que homens gays podiam se encontrar, se relacionar erótico-afetivamente, expressar feminilidade e praticar *cross-dressing*.
5. . N.T.: *Butch* e *femme* são termos de identificação da subcultura lésbica estadunidense cujo uso disseminado remonta ao menos desde o século XIX. Eles são mobilizados para se referir a mulheres não heterossexuais que apresentam expressões de gênero e/ou exercem papéis considerados opostos: *butches* se apresentariam consistentemente de modo considerado masculino e/ou exerceriam práticas sociais e sexuais assim classificadas, ao passo que *femmes* se apresentariam de modo considerado feminino e/ou exerceriam práticas sociais e sexuais assim classificadas.
6. N.T.: Gay Liberation Front foi uma das primeiras mobilizações ativistas organizadas que surgiram no rescaldo da Revolta de Stonewall.
7. Conferência de História Gay e Lésbica, Centro de Estudos Gays e Lésbicos, Escola de Pós-Graduação, City University of New York. 6 a 7 de outubro de 1995; documentação em vídeo de propriedade da autora.
8. Conferência de Políticas Trans, Transformação Social e Justiça, Centro de Estudos Gays e Lésbicos, Escola de Pós-Graduação, City University of New York, 6 a 7 de maio de 2005.
9. *SCREAMING Queens: The Riot at Compton's Cafeteria*, Direção de Victor Silverman e Susan Stryker. San Francisco: Frameline, 2005. 1 DVD (57 min.).
10. Sobre mudanças mais amplas no que tange a formações socioculturais transgênero, ver: HIRD, Myra J. For a Sociology of Transsexualism. *Sociology* 36(3), p. 577-595, 2002. Para um panorama geral para entender o movimento de pessoas transgênero que passa das clínicas às ruas, ver: RUBIN, Gayle. *Thinking Sex: Notes for a Radical Theory of the Politics of Sexuality* [1984].

ABELOVE, Henry; BARALE, Michèle; HALPERIN, David. (eds.) *The Lesbian and Gay Studies Reader*. New York: Routledge, 1993.

11. VALENTINE, David. "I know what I am": The Category 'Transgender' in the Construction of Contemporary U.S. American Conceptions of Gender and Sexuality." 435f. Tese (Doutorado) Curso de Antropologia Social, New York University, New York, 2000.

12. FEINBERG, Leslie. *Transgender Liberation: A Movement Whose Time Has Come*. New York: World View Forum, 1992.

13. MATZNER, Andrew. Prince, Virgínia Charles. SUMMERS, Claude (ed.). *GLBTQ: An Encyclopedia of Gay, Lesbian, Bisexual, Transgender, and Queer Culture*. 2003. Originalmente lançada e disponível na modalidade online em: http://www.glbtq.com/social-sciences/prince_vc.html . N.T.: O site foi fechado em 01 de agosto de 2015.

14. N.T.: Uso "transvestite" sem traduzi-lo para seu homônimo "travesti" porque se referem a experiências subjetivas de gênero consideravelmente distintas. Ao longo da história estadunidense, "transvestite" foi usado de modo mais consistente como forma de identificação por pessoas (tanto as designadas ao sexo masculino quanto as designadas ao feminino ao nascer) cujas expressões de gênero eram mutáveis, impermanentes, e assumiam formas variadas.

15. HIRSCHFELD, Magnus. *Transvestites: The Erotic Drive to Cross-Dress*. Buffalo: Prometheus Books, 1991.

BENJAMIN, Harry. *The Transsexual Phenomenon*. New York: Julian Press, 1966.

16. STONE, Sandy. The Empire Strikes Back: a Posttranssexual Manifesto. EPSTEIN, Julia; STRAUB, Kristina (eds.). *Body Guards: The Cultural Politics of Gender*. New York: Routledge, 1991.

17. RAYMOND, Janice. *The Transsexual Empire: The Making of the She-Male*. Boston: Beacon, 1979.

18. BURKHOLDER, Nancy Jean. Michigan Women's Music Festival. *Transsisters: The Journal of Transsexual Feminism*, n. 2, p. 4, Nov/Dec 1993.

19. Sobre o meio político queer em que o ativismo transgênero surgiu, ver o dossiê especial sobre Queer Nation em: *OUT/Look: National Lesbian and Gay Quarterly*, n. 11, Winter 1991.

20. BORNSTEIN, Kate. *Gender Outlaw: On Men, Women, and the Rest of Us*. New York: Routledge, 1994.

21. BUTLER, Judith. *Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity*. New York: Routledge, 1990.

FOUCAULT, Michel. *History of Sexuality, Vol. 1, An Introduction*. New York: Vintage Reprint, 1990.

22. EPSTEIN, Julia; STRAUB, Kristina (eds.). *Body Guards: The Cultural Politics of Gender*. New York: Routledge, 1991.

23. STRYKER, Susan. My Words to Victor Frankenstein Above the Village of Chamounix: Performing Transgender Rage. *GLG: A Journal of Lesbian and Gay Studies* 1:3, p. 237-254, 1994.

24. N.T.: *Beaumont Society* foi fundada inicialmente como uma sociedade secreta em 1965, tendo como objetivo o compartilhamento de informações sobre *cross-dressing*, transexualidade e "transvestism" e o estabelecimento de vínculos de sociabilidade. Com o passar dos anos, sua estrutura e serviços realizados se expandiram, tornando-se hoje um misto de organização não-governamental e instituição de caridade. Tem focado principalmente na formação de redes de apoio a pessoas trans, na disseminação de educação sobre o tema e em *advocacy*.

25. N.T.: *Transsexual Action Organization* foi uma organização fundada em 1970 pela ativista, musicista e escritora Angela Lynn Douglas, tendo como objetivo criar vínculos comunitários entre pessoas trans, desenvolver uma voz coletiva, centrar e manifestar mais solidamente demandas. Pretendia acolher principalmente mulheres trans, à época excluídas reiteradamente de grupos feministas. TAO teve, no entanto, vida curta: chegou ao fim em 1973.

26. Agradeço a Stephen Whittle por contribuições significativas para minha compreensão das raízes ativistas dos estudos transgênero no Reino Unido. Ver: WHITTLE, Stephen. *Trans-Links of Friendships, the Bedroom and Politics: 1970's Trans-Atlantic Influences on Current Transgender Politics in the UK*. Future of the Queer Past Conference: University of Chicago, 2000.

27. STRYKER, Susan. The Transgender Issue: An Introduction. *GLQ: A Journal of Lesbian and Gay Studies* 4:2, p. 145-158, 1998.
- WILSON, Robin. Transgender Scholars Defy Convention, Seeking to Be Seen and Heard in Academe. *Chronicle of Higher Education*, p. A10-A12, February 6, 1998.
28. N.T.: Ainda que eu tenha tentado criar um paralelo, o jogo de palavras de Stryker se perde na tradução. A autora usa “*queer*” aqui para engendrar sentido tanto de uma política antiheteronormativa quando de uma política estranha, esquisita. Em vez de manter “*queer*”, preferi “transviado” de modo a manter esse efeito duplo: referir-me tanto à tradução de “*queer*” que tem sido feita por certo corpo de trabalho no Brasil quanto a sua acepção mais corrente de estar “fora dos padrões”, ser considerada moralmente perdida e desviante.
29. HALPERIN, David. *Saint Foucault: Toward a Gay Hagiography*. New York: Oxford, 1996.
30. Não há nenhum registro existente do discurso completo de Truth feito em 1851. Ver: MABEE, Carleton. *Sojourner Truth: Slave, Prophet, Legend*. New York: New York University Press, 1993.
31. Ver: HEYES, Cressida J. Feminist Solidarity after Queer Theory: The Case of Transgender. *Signs: Journal of Women in Culture and Society*, n. 28, p. 1093-1120, 2003. E: HEYES, Cressida J. Reading Transgender, Rethinking Women’s Studies. *NWSA Journal* 12:2, p. 170-180, Summer 2000.
32. Sobre terceiros termos e perturbação de binarismos, ver: GARBER, Marjorie. *Vested Interests: Cross-Dressing and Cultural Anxiety*. New York: Routledge, 1992.
33. Ver, por exemplo: JONES, Jody. Gender Without Genitals: Hedwig’s Six Inches. *Other: the magazine for people who defy categories*. 1:1, p. 44-46, 2003.
- MOTT, George. The Vanishing Point Of The Sexual Subject: The Closet, Hedwig And The Angry Inch, L.I.E., The Sixth Sense, The Others, Y Tu Mamá También. *The Psychoanalytic Review*, 91:4, p. 607-614, August 2004.
34. FELSKI, Rita. Fin de siècle, Fin de sexe: Transexuality, Postmodernism and the Death of History. *New Literary History* 27:2, p. 337-349, Spring 1996.
35. HARAWAY, Donna. *Simians, Cyborgs and Women: The Reinvention of Nature*. New York: Routledge, 1991.
- HALBERSTAM, Jack; LIVINGSTON, Ira (eds.). *Posthuman Bodies*. Bloomington: Indiana University Press, 1995.
36. JAMESON, Frederic. *Postmodernism, or The Cultural Logic of Late Capitalism*. Chapel Hill: Duke University Press, 1992.
37. Sobre a relação “de senso comum” entre gênero e corpo, ver a discussão sobre “atitudes naturais” em: GARFINKEL, Harold. *Passing and the Managed Achievement of Sex Status in an ‘Intersexed’ Person*. *Studies in Ethnomethodology*. Englewood Cliffs NJ: Prentice Hall, 1967.
38. Sobre questões intersexo, ver: DREGER, Alice Dromurat. *Hermaphrodites and the Medical Invention of Sex*. Cambridge: Harvard University Press, 1998.
- FAUSTO-STERLING, Anne. *Sexing the Body: Gender Politics and the Construction of Sexuality*. New York: Basic Books, 2000.
- KESSLER, Suzanne J. *Lessons from the Intersexed*. New Brunswick, NJ: Rutgers University Press, 1998.
39. Para uma gama ampla de críticas pós-estruturalistas e antifundacionalistas à relação sexo/gênero, com referência particular à questão da pós-modernidade, ver: BUTLER, Judith; SCOTT, Joan (eds.). *Feminists Theorize the Political*. New York: Routledge, 1992.
40. Janice Raymond, em *Transsexual Empire*, oferece um relato clássico de “transexuais más”, mas ver também: BILLINGS, Dwight; URBAN, Thomas. The Socio-Medical Construction of Transsexualism: An Interpretation and Critique. *Social Problems*, n. 29, p. 266-282, 1981.
41. *BOYS don’t cry*. Direção de Kimberly Pierce. Fox Searchlight Pictures, 1999. 1 DVD (118 min.).
42. WITTEN, Tarryn; EYLER, A. Evan. Hate Crimes and Violence Against the Transgendered. *Peace Review*, 11: 3, p. 461-468, 1999.

43. BUTLER, Judith. *Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity*. New York: Routledge, 1990.
- BUTLER, Judith. Doing Justice to Someone: Sex Reassignment and Allegories of Transsexuality. *GLQ: A Journal of Lesbian and Gay Studies*, 7:4, p. 621-636, 2001.
44. AUSTIN, John L. *How to Do Things With Words*. Cambridge: MA Harvard University Press, 1962.
45. Ver, por exemplo a discussão extensa que Jay Prosser faz sobre Judith Butler em: PROSSER, Jay. *Second Skins: The Body Narratives of Transsexuality*. New York: Columbia University Press, 1998.
- Ou que Henry Rubin faz em: RUBIN, Henry. Phenomenology as Method in Trans Studies. *GLQ: A Journal of Lesbian and Gay Studies* 4:2, p. 263-281, 1998.
46. LYOTARD, Jean-François. *The Postmodern Condition: A Report on Knowledge*. Manchester: Manchester University Press, 1984.
47. *Ibidem*.
48. Uma distinção similar entre abordagens positivistas para “estudar transexualidade” e “estudos transgênero” é proposta em: ROEN, Katrina. *Constructing Transsexuality: Discursive Manoeuvres through Psycho-Medical, Transgender and Queer Texts*. Tese (Doutorado) Curso de Filosofia, University of Canterbury, New Zealand, 1998.
49. O conceito “somatécnica” foi formulado em uma conversa com Nikki Sullivan, Joseph Pugliese e outros integrantes do Departamento de Estudos Críticos e Culturais de Macquarie University. Ver: <http://www.ccs.mq.edu.au/somatechnics>.
50. N.T.: Para fins de tradução dessa citação, optei por não fazê-lo eu mesmo e usar a versão oficial da obra em português: FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)*. Trad.: Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.
51. *Ibidem*.
52. FOUCAULT, Michel. *Abnormal*. New York: Picador, 2003.
53. Para uma síntese útil, ver: PROSSER, Jay. Transsexuals and the Transsexologists: Inversion and the Emergence of Transsexual Subjectivity. BLAND, Lucy; DOAN, Laura (eds.). *Sexology in Culture: Labeling Bodies and Desires*. Oxford: Polity Press, 1998.
- Ver também: GREEN, Richard; MONEY, John (eds.). *Transsexualism and Sex Reassignment*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1969.
54. *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders of the American Psychiatric Association III*. Washington, D.C.: American Psychiatric Publishers, 1980.
55. Sobre o desconforto eurocêntrico com a queeridade global, ver vários artigos em: CRUZ-MALAVÉ, Arnaldo; MANALANSAN IV, Martin (eds.). *Queer Globalizations: Citizenship and the Afterlife of Colonialism*. New York: New York University, 2002.
56. ROSCOE, Will. Was We’wha a Homosexual? Native American Survivance and the Two-Spirit Tradition. *GLQ: A Journal of Lesbian and Gay Studies* 2:3, p. 193-235, 1995.
57. MORGAN, Lynn Marie; TOWLE, Evan B. Romancing the Transgender Native: Rethinking the Use of the “Third Gender” Concept. *GLQ: A Journal of Lesbian and Gay Studies* 8:4, p. 469-497, 2002.
- LEUNG, Helen Hok-Sze. *Unsung Heroes: Reading Transgender Subjectivities in Hong Kong Action Cinema*. PANG, Laikwan; WONG, Day (eds.). *Masculinities and Hong Kong Cinema*. Hong Kong: Hong Kong University Press, 2005.
- STRYKER, Susan. Transgender Studies: Queer Theory’s Evil Twin. *GLQ: A Journal of Lesbian and Gay Studies* 10:2, p. 212-215, Spring, 2004.
58. BLACKWOOD, Evelyn; WIERINGA, Saskia (eds.). *Female Desires: Same-sex Relations and Transgender Practices Across Cultures*. New York: Columbia University Press, 1999.
- HERDT, Gilbert (ed.). *Third Sex, Third Gender: Beyond Sexual Dimorphism in Culture and History*. New York: Zone Books, 1994.
- RAMET, Sandra P. (ed.). *Gender Reversals and Gender Cultures: Anthropological and Historical Perspectives*. New York: Routledge, 1996.

59. KULICK, Don. *Travesti: Sex, Gender and Culture among Brazilian Transgendered Prostitutes*. Chicago: University of Chicago Press, 1998.

JOHNSON, Mark. *Beauty and Power: Transgendering and Cultural Transformation in the Southern Philippines*. Oxford: Berg, 1997.

PRIEUR, Annick. *Mama's House, Mexico City: On Transvestites, Queens and Machos*. Chicago: University of Chicago Press, 1998.

AUTORES

SUSAN STRYKER

Pós-doutora em Estudos de Sexualidade pela Stanford University. Barbara Lee Distinguished Chair in Women's Leadership em Mills College.

São Francisco/Califórnia/Estados Unidos.

E-mail: sstryker@mills.edu

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7588-3253>